

TERRITÓRIOS DO MEDO PARA A POPULAÇÃO LGBTQIA+: UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS SOBRE A FRAGMENTAÇÃO DA CIDADE

PEDRO DE MOURA ALVES¹; SAMUEL MOREIRA SILVEIRA FERNANDES²;
TIARAJU SALINI DUARTE³.

¹Universidade Federal de Pelotas - mooura@live.com

²Universidade Federal de Pelotas - samu.geo@outlook.com

³Universidade Federal de Pelotas - tiaraju.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A cidade pode ser vista enquanto uma grande escrita, em que diferentes discursos e poderes atuam na sua construção, não podendo ser vista como uma obra acabada, mas que está em fluxo e (re)construção, sendo moldada por diferentes relações. Contudo, a produção do espaço urbano se apresenta fracionado, sendo de um lado aqueles recortes dos iluminados, os que aparecem como espetáculo, mas também outros que ficam na escuridão e que são invisibilizados.

Ao mitigar subjetividades e rejeitar comportamentos e discursos considerados "desviantes", se constrói, molda e enquadra o espaço urbano. Neste sentido, a presente pesquisa busca demonstrar as formas pelos quais os poderes ligam-se a determinados discursos, a fim de produzir efeitos de verdade e legitimar posses sobre o espaço urbano, produzindo territórios do medo para o público lésbico, gay, bissexual, transexual, travesti, queers, intersexual, assexual e as demais interseções da população LGBTQIA+.

2. METODOLOGIA

O presente artigo possui como metodologia uma revisão de literatura, onde foram buscados em artigos, revistas acadêmicas, anais de eventos, e livros, informações que contemplem os assuntos da área da geografia urbana, (multi)territorialidade e populações LGBTQIA+. Desta forma, foram escolhidos três autores.

O teórico Henri Lefebvre (2008), apresenta através de discussões sobre a o espaço urbano, o como um espaço modelado, ocupado pelas atividades sociais no decorrer de um tempo, sendo fruto de relações socioespaciais e possibilitando revelar a realidade social produzida pela mediação de processos históricos

Sobre a temática do discurso, foi utilizado Michael Foucault (1995); este autor considera que o discurso não pode ser visto apenas enquanto signos, mas enquanto "práticas que formam sistematicamente os objetos de que fala [...]" (FOUCAULT, 2012, p. 60). Logo, as palavras se relacionam de maneira complexa, constituindo-se enquanto uma relação histórica, repleta de construções e interpretações.

Com relação à temática que envolve o território, utiliza-se o autor Rogério Haesbaert (2009), o qual analisa este conceito sob uma abordagem não somente materialista, apresentando o sentido de dominação e apropriação de determinado recorte espacial, mas também na perspectiva imaterial, ou seja, derivado das

apropriações simbólicas construídas pelos atores sociais.

Por fim, destaco que a presente pesquisa foi construída por um discente da licenciatura em Geografia pertencente ao Grupo de Pesquisa de Geografia Política, Geopolítica e Territorialidades (GEOTER) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Também salienta-se que o presente resumo é um recorte da pesquisa de conclusão de curso desenvolvida pelo primeiro autor do trabalho.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A cidade produz espaços de disputa por diferentes grupos que a compõem, constituindo-se em jogos e representações muitas vezes imperceptíveis. Sendo assim, pensar sobre a cidade é procurar entender as tensões humanas que preenchem seus espaços, como forma de resistência ou de transformações daqueles que nela transitam. Logo, o espaço urbano é ocupado por indivíduos e seus corpos, os quais produzem uma série de manifestações culturais, (re)construindo discursivamente o cotidiano.

Para o autor Lefebvre (1991) “a vida urbana pressupõe encontros, confrontos das diferenças, conhecimentos e reconhecimentos recíprocos (inclusive no confronto ideológico e político) dos diferentes modos de viver”. Assim, a partir das relações de trabalho e as transformações decorrente delas, os indivíduos criam/assimilam ideias e valores que permeiam suas relações sociais contraditórias.

A cidade não se mantém estática perante as transformações de pensamento, sendo moldada a partir de determinados discursos e grupos. Portanto, o espaço urbano é fragmentado e articulado por relações materiais e imateriais (re)produzindo o que é a sociedade.

Conforme as proposições de Corrêa (1993), o espaço urbano é fragmentado por vários outros espaços, sejam eles do privado ao público, e que estes possam se articular através da informação, transporte, mercadorias e pelas relações sociais. Essas últimas podem ser entendidas também como ‘relações imateriais’, podendo haver um ou mais elementos que vão influenciar certas decisões comportamentais e práticas discursivas que constroem diariamente as dinâmicas espaciais urbanas, produzindo de um lado o processo de identificação, e de outro a exclusão e medo a determinados grupos.

Apesar da multiplicidade de formas e meios pelos quais a cidade se expressa e pode ser lida, sentida ou interpretada, é permanente a tentativa de impor uma “marca” por meio de discursos que sintetizem e uniformizem a identidade daqueles que a ocupam. Há uma intensa busca por um discurso linear que sombreia, invisibiliza e suprime todos os comportamentos dissensos, os quais não seguem o padrão social, produto do discurso dominante.

Sendo assim, há uma constante busca por uma imagem identitária da cidade que promova discursos que prezam pelo consensual, suprimindo todas identidades consideradas divergentes ou dissonantes. Doravante, é almejando a proteção dos valores das classes produtoras destes discursos que edifica-se uma série de ações territorializadas no espaço (que muitas vezes são representadas pela repressão física, psicológica, institucional, entre outras), as quais atingem aqueles e aquelas que estão à margem das normas da sexualidade e de identidade de gênero padrão.

Conforme Foucault (1995, p. 8) há um regime de verdade construído através de ações discursivas, uma vez que “a verdade está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam, e efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem”. Podemos compreender o discurso relacionado ao gênero e a

sexualidade enquanto “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definem um determinado período, uma área social, econômica, geográfica ou linguística” (FOUCAULT, 2005, p. 153).

A partir disso, podemos compreender a hipótese de que nas sociedades existe o controle, seleção, organização e redistribuição na produção do discurso, cuja consequência remete-se a imposição dos padrões sobre determinados grupos. Assim, produz-se discursos responsáveis por reforçar o poder e a construção de territórios do medo sobre a cidade, produzindo, por exemplo, o padrão/modelo de ocupação/convívio urbano através somente das relações binárias entre masculino e feminino heterossexuais e cisgêneras (indivíduo que se identifica, em todos os aspectos, com o seu “gênero de nascença”), excluindo e marginalizando outros processos de identificação (BORGHI, 2015).

Logo falar sobre território é pensar as relações conjuntas entre dominação e apropriação do espaço, considerando as relações de poder em sentido amplo (material e simbólico). Para Haesbaert (2004), todo território ao mesmo tempo possui diferentes combinações, funcional e simbólico, em que exercemos domínio sobre o espaço tanto para produzir ‘funções’ como também para produzir “significados”.

As próprias práticas cotidianas balizadas por um sentimento de medo, quaisquer que sejam, atuam no sentido de formar determinados territórios. Essa perspectiva ganha abertura a partir das concepções de autores como Gilles Deleuze e Félix Guattari, em que conferem ao território tanto uma dimensão física e social, mas também psicológica (HAESBAERT, 2004), o que possibilita entender o mesmo através do sentimento de medo.

O território é antes de tudo a distância crítica entre dois seres de mesma espécie, é o marcar: “o que é meu é primeiramente minha distância, não possuo senão distâncias. Não quero que me toquem, vou grunhir se entrarem no meu território, coloco placas” (DELEUZE & GUATARI, 1997, p.127).

Portanto, o medo ao se territorializar no indivíduo, estabelece atitudes que possibilitam a diminuição da sensação de segurança, como evitar transitar e permanecer em determinados locais no urbano. O medo também se territorializa no próprio espaço urbano, nas praças, ruas escuras e locais normalmente tidos como “perigosos”.

Devido a isso, as práticas socioespaciais da comunidade LGBTQIA+ são alteradas, principalmente no ato de evitar o uso desses, configurando os mesmos como “territórios do medo”. O medo comporta enquanto uma (multi)territorialidade, varia no tempo e no espaço, sendo assim determinados discursos constituem a marginalização e a violência de partes da ocupação urbana contra a população LGBTQIA+.

4. CONCLUSÕES

Os discursos que compõem o espaço urbano e de determinados grupos limitam a mobilidade dos gestos e dos afetos da população LGBTQIA+, restringindo o acesso a certos espaços devido ao medo e a materialização da violência. A “higienização” e a “limpeza” da cidade vão ganhando contornos em que a experiência LGBTQIA+ só pode ser vivida em lugares restritos.

Os diferentes discursos que compõem os espaços urbanos e sua (re)produção se erguem enquanto um reflexo dos interesses e pensamento de grupos dominantes na sociedade. Neste sentido, podemos observar que existe na produção do espaço urbano a formação de discursos que buscam produzir a sensação de verdade enquanto lógica discursiva, desenvolvendo espaços



fragmentados que são caracterizados por territórios do medo para público LGBTQIA+.

Pensar em uma cidade democrática significa repensar a distribuição dos corpos no espaço urbano, sob a ótica do Direito à Cidade (LEFEBVRE, 1997), produzindo locais mais seguros e inclusivos para diferentes públicos. Essas mudanças surgirão a partir do momento em que sejam promovidos debates que versem sobre a diversidade enquanto valor, não sendo marcada por discursos que territorializam o medo através de diversas formas de violência contra a população LGBTQIA+. Logo, buscamos por um urbano em que corpos considerados “dissidentes” da norma sexual transitem, habitem e acessem os diferentes espaços que a cidade oferece.

5. REFERÊNCIAS

BORGHI, Rachele. “O Espaço à época do queer: contaminações queer na geografia francesa”. In: **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, Ponta Grossa**, v.6, n.2, p.133-146, ago. /dez. 2015.

CHARAUDEAU, Patrick. **"Análise do discurso: controvérsias e perspectivas.** (1999).

CORRÊA, R. Lobato. **O Espaço Urbano.** 2. Ed. São Paulo: Ática, 1993. p 1-16.

DELEUZE, Gilles; GUATARI, Félix. 1837 – **A cerca do ritornelo.** In **mil platôs**, vol. 4. Tradução Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1997

FOUCAULT, Michael. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1995.

FOUCAULT, Michael. **A arqueologia do saber.** 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade,** São Paulo, Ed. Moraes, 1991.

PAULA, Fernanda Cristina de. Sobre a dimensão vivida do território: tendências e a contribuição da fenomenologia. **GeoTextos**, v. 7, n. 1, jul. 2011

SOLIVA, Thiago Barcelos. “A rua e o medo: algumas considerações sobre a violência contra jovens homossexuais em espaços públicos”. In: **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v.2, n.1, p.122-132, jan. /jul. 2011.